SOBRE A PAZ, DE DEMÓSTENES: INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS*

Lívia Medeiros de Albuquerque[1]
Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha[2]

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de oferecer tradução inédita para o português do discurso político *Sobre a Paz*, de Demóstenes, datado de 346 a.C., acompanhado de introdução e notas.

PALAVRAS-CHAVE: Demóstenes, oratória, retórica, discurso deliberativo, tradução.

ABSTRACT: This work aims to offer an unpublished translation into Portuguese of Demosthenes' speech *On the Peace*, dated to 346 BC, accompanied by an introduction and notes.

KEYWORDS: Demosthenes, oratory, rhetoric, deliberative speech, translation.

INTRODUÇÃO

Demóstenes, o grande orador e político ateniense do século IV a.C., foi extremamente influente na política de Atenas entre os anos 346 e 324[3] a.C., tendo sido conhecido pelo seu patriotismo e pela apaixonada defesa da democracia. Seu

*Esta tradução foi realizada no âmbito do projeto de pesquisa Retórica e Oratória na Grécia Clássica: (1) estudo e tradução de Demóstenes, que recebe apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, de 2014 a 2017.
[1] Mestranda em Literatura na Universidade de Brasília.
[2] Professora de Grego na Universidade de Brasília.
[3] Worthington afirma que, nesse período, a política ateniense era praticamente a política de Demóstenes (2001, p. 1).

ISSN 2236-4013

trabalho foi considerado como modelo por muitos oradores da antiguidade clássica, e seu estilo, largamente estudado e imitado[4].

O orador ganhou reputação como escritor de discursos judiciais quando escreveu uma série de acusações contra os seus tutores, por terem dilapidado a sua herança. A partir de então, iniciou carreira como logógrafo e começou a escrever discursos para casos judiciais de grande relevância política. Logo começou a participar da vida política de Atenas, proferindo discursos deliberativos na Assembleia, entre os quais se destaca o discurso *Sobre a Paz*, de 346-5 a.C.[5], escrito logo após a celebração da paz de Filócrates, entre Atenas e Filipe II, rei da Macedônia[6].

Atenas vivia em um estado de tensão com Filipe desde 357 a.C., quando o macedônio, através de sua política expansionista, tomou Anfípolis[7], antiga colônia ateniense e importante ponto estratégico na Calcídica, que lhe deu acesso não apenas ao mar e às minas de ouro do Pangeu, mas também à Trácia e ao Quersoneso[8]. A

[4] Entre os críticos antigos que mencionam Demóstenes em seus tratados, podemos citar, a título de exemplo, Dionísio de Halicarnasso, que dedica uma carta (*Epistula ad Ammaeum I*) e um estudo (*De Demosthene*) ao orador, além de mencioná-lo repetidas vezes em outras obras (*De Thucydide, De Oratoribus Veteribus*); Demétrio, que o menciona em várias passagens em seu *De Elocutione*; e Cícero, que o cita mais de uma vez como modelo de oratória no *De Oratore*.

[5] Datação de Dionísio de Halicarnasso (EIRE, 1993, p. 121).

[6] De acordo com Libânio, após a celebração da paz, Filipe conseguiu passar pelas Termópilas, dispersar os focenses e tomar para si os votos gregos ocupados por eles no Conselho dos Anfictiões. Nesse momento, enviou mensageiros aos atenienses, pedindo-lhes que aceitassem esses fatos. Em *Sobre a Paz*, Demóstenes aconselha-os a aceitar isso, não por ser justo, mas a fim de evitar uma guerra comum contra si próprios. Entretanto, como o orador acusou Ésquines por oferecer esse mesmo conselho, Libânio acredita que este discurso não chegou a ser proferido, pois, se assim fosse, Demóstenes correria o risco de também parecer ter sido corrompido por Filipe (GIBSON, 2003, p.10). MacDowell apresenta outra alternativa possível: a de que a assembléia não tomou uma decisão na reunião que recebeu o requerimento do Conselho, na qual apenas Ésquines se manifestou, e que Demóstenes proferiu o discurso *Sobre a Paz* em outro momento, quando o pedido já estava distante e Atenas já havia concordado com ele (MACDOWELL, 2009, p. 327). Essa alternativa não parece fazer sentido, pois Demóstenes não faria um discurso tentando manter a paz estabelecida se os atenienses já tivessem decidido pela aceitação de Filipe no Conselho.

[7] Anfípolis havia sido colonizada em 437/6 a.C. pelos atenienses, interessados em sua posição estratégica, que dava acesso às minas de ouro e prata do Monte Pangeu e às florestas para extração de madeira, necessária à construção de navios para a frota de Atenas. Em 424 a.C., durante a Guerra do Peloponeso, Anfípolis declarou-se independente, e, desde então, Atenas tentava recuperá-la (MÜLLER, 2012, pp. 171-2).

[8] Localizada na Trácia, a Península do Quersoneso ficava no lado europeu do Helesponto, estreito que dividia a Europa e a Ásia, conectando o mar de Mármara ao mar Egeu (*OCD*, s.v. *Chersonesus*). Era

ISSN 2236-4013

partir de então, Filipe conquistou todas as cidades aliadas de Atenas no Golfo Termaico[9]. Nesse período (357-6 a.C.), Atenas estava ocupada com a Guerra Social[10] – que deixou a cidade financeiramente exausta, sem dinheiro e sem prestígio –, de forma que a declaração de guerra contra o macedônio, feita no momento da tomada de Anfípolis, não passou de um mero gesto[11].

Além disso, também nesse período, a Grécia vivenciava a Terceira Guerra Sagrada (357-346), declarada pelos tebanos contra os focenses, através do Conselho dos Anfictiões[12]. O Conselho costumava ser o campo de decisões políticas no qual os jogos de poder da Grécia Central ocorriam e era controlado por Tebas desde a ocupação da Tessália em 364[13]. Em 356, Tebas convenceu o conselho a declarar guerra contra os focenses caso as multas por cultivo em terra sagrada não fossem pagas. Em resposta, os focenses sitiaram Delfos e saquearam os tesouros de Apolo. A guerra foi formalmente declarada em 355. Hornblower afirma que a decisão dos tebanos de atacar os focenses foi uma forma de afirmação perante seus vizinhos, em um momento em que a cidade perdia poder na Grécia Central após perder Eubeia para Atenas[14].

---

um ponto vital para Atenas, pois garantia a passagem dos navios que abasteciam o mercado da *pólis* (FONSECA, 2001, p. XL).

[9] Pidna, Potideia e Metona (FONSECA, 2001, p. XIX).

[10] Em 357 a.C. Quios e Rodes, as primeiras cidades a se juntarem à Segunda Liga Ateniense, rebelaram-se e iniciaram a Guerra Social, juntamente com Cos, que, embora não se tenha certeza de sua adesão à liga, pode estar entre os nomes ilegíveis na observação da estela de Aristóteles – geralmente utilizada como fonte para que se considerem as primeiras cidades que aderiram à Segunda Liga liderada por Atenas (SEALEY, 1993, p. 103). Bizâncio se uniu a elas em 364 a.C. Embora não haja registros sobre os termos da paz ao fim da Guerra Social, é provável que Atenas tenha reconhecido a independência de Quios, Cos, Rodes e Bizâncio (SEALEY, 1993, p. 103).

[11] MÜLLER, 2012, p. 171.

[12] O Conselho dos Anfictiões, cujo centro administrativo e religioso ficava em Delfos, era um antigo grupo religioso de tribos concentradas na região das Termópilas, que posteriormente se expandiu, incluindo várias cidades do Peloponeso e Atenas, entre outras (BOARDMAN; HORNBLOWER; LEWIS & OSTWALD 2006, p. 739).

[13] Segundo Hornblower, a Tessália, tradicionalmente, detinha a presidência do Conselho dos Anfictiões, de forma que quem conseguisse controlá-la controlaria também o Conselho (HORNBLOWER, 2011, p. 103). Desde a ocupação da Tessália em 364 a.C., Tebas passou a ter a maior parte dos votos no Conselho (16 dos 24 existentes).

[14] HORNBLOWER, 2011, p. 275. Atenas recuperou seu poder sobre a ilha nesta ocasião (BOARDMAN et al., 2006, p. 739).

ISSN 2236-4013

A Fócida era aliada dos tiranos de Fera, na Tessália – Licofron e Pitolau –, que reivindicavam a liderança da Liga Tessalônica. Os demais tessálios, que se opunham aos tiranos, ficaram ao lado de Tebas na Terceira Guerra Sagrada, e recorreram a Filipe para intervir em Fera[15]. Foi graças a eles que o macedônio envolveu-se na guerra e voltou sua atenção à Grécia Central[16].

Após sua vitória na Tessália, Filipe envolveu-se com a campanha na Trácia, que terminou em 348 com a destruição de Olinto, a principal cidade da Liga Calcídica[17]. Esse fato, somado ao medo dos atenienses de que Filipe controlasse o acesso à Grécia Central[18], à exaustão financeira vivenciada após a Guerra Civil e ao fracasso dos atenienses em formar uma aliança grega contra Filipe, levou Atenas a considerar positivamente a celebração da paz, sinalizada pelo próprio Filipe antes mesmo da queda de Olinto[19].

As negociações sobre a paz se iniciaram na primeira metade do ano de 346, a partir de uma proposta de Filócrates[20] para o envio de uma embaixada até Filipe com a finalidade de sondar os termos de um possível acordo. Demóstenes e Ésquines eram, ambos, integrantes da comitiva de 10 membros, e seus discursos *Sobre a Falsa Embaixada* e *Sobre a Embaixada* (ambos de 343), respectivamente, são as maiores fontes de informação sobre o assunto[21]. Após o retorno da primeira embaixada,

[15] Filipe conseguiu expulsar os focenses da Tessália e, com isso, foi eleito arconte da cidade, cargo que incluía o comando da famosa cavalaria tessalônica, bem como o assento da cidade no Conselho dos Anfictiões (MÜLLER, 2010, p. 173).
[16] MÜLLER, 2010, p. 172.
[17] Filipe destruiu Olinto, vendeu seus habitantes como escravos e capturou vários atenienses, que foram levados à Macedônia como escravos (MÜLLER, 2010, p. 174).
[18] Os focenses haviam prometido aos atenienses e espartanos que lhes dariam a posse dos fortes que controlavam o acesso às Termópilas. Em 353, alguns meses depois de expulsar os focenses da Tessália, Filipe havia marchado àquele local e fora expulso graças à ajuda dos atenienses (BOARDMAN et al., 2006, p. 746).
[19] MACDOWELL, 2000, p. 2.
[20] A paz de 346 é conhecida como paz de Filócrates.
[21] Em 347 Demóstenes e Ésquines já estavam em lados opostos: o primeiro é favorável à paz – deduz-se de seu apoio a Filócrates; o segundo, contrário. A embaixada aprovada pela moção de Filócrates incluía partidários da paz, como Demóstenes, o próprio Filócrates e Aristodemo, e opositores do acordo, como Ésquines e provavelmente Náusicles (MACDOWELL, 2000, p. 3 e ss.). Demóstenes, na *Falsa Embaixada*, basicamente acusa Ésquines de corrupção por Filipe, por ter mudado de posição em relação a este, após o retorno da segunda embaixada, enviada para negociação dos termos exatos da paz. Ésquines, por sua vez, responde às acusações em seu discurso homônimo. Os dois discursos apresentam diferentes ênfases quanto aos fatos em pauta, sobretudo quanto às atitudes de Ésquines, na

ISSN 2236-4013

foram realizadas duas assembléias: na primeira, foram ouvidos os relatos dos embaixadores; e na segunda, no dia seguinte, a paz foi sancionada. De acordo com Markle, a primeira embaixada trouxera consigo uma carta de Filipe, na qual o macedônio declarava sua intenção de formar uma aliança com os atenienses, mas não deixava clara a inclusão dos aliados atenienses no tratado: os focenses, Cersobleptes[22], e Hális, na Tessália[23]. Entretanto, o macedônio havia deixado claro à primeira embaixada que continuaria com sua campanha na Trácia, e que Parmênion[24] manteria o cerco a Hális, em apoio a Farsalo, cidade da Tessália aliada de Filipe.

Começaram então os preparativos para a segunda embaixada, cujo objetivo era receber os juramentos de Filipe e seus aliados, negociar a libertação dos atenienses capturados em Olinto e negociar qualquer benefício que estivesse em seu poder. Os atenienses tiveram que esperar alguns dias até que Filipe, que estava em campanha na Trácia, chegasse em Péla, onde também se encontravam embaixadas de tebanos, focenses e lacedemônios, todos preocupados diante da incerteza sobre como Filipe colocaria um fim à Terceira Guerra Sagrada.

Os embaixadores atenienses, reunidos, discordaram sobre a política que Atenas deveria adotar. Com exceção de Demóstenes, todos concordavam com Ésquines[25] em garantir uma política antitebana da parte de Filipe. Demóstenes se opunha a essa política por temer que ela impossibilitasse uma futura aliança com os tebanos contra Filipe[26].

Na assembleia que se seguiu ao retorno da segunda embaixada, Ésquines reportou aos atenienses as promessas de Filipe, conforme acusa Demóstenes (5.9-10):

> [...] no tempo em que nós, os embaixadores, depois de termos recebido os juramentos sobre a paz, chegamos, alguns então prometeram que Téspias

tal embaixada, em relação à visão de Filipe sobre a Fócida – que em 343 já havia então sucumbido a Filipe. Em termos gerais, o argumento de Demóstenes é de que Ésquines prejudicara, em sua negociação com Filipe, a sorte dos focenses, aliados de Atenas.

[22] Rei de Odrísia, tribo líder da Trácia (*OCD*, s.v. *Cersobleptes*)

[23] MARKLE, 1974, p. 252, n.1

[24] Um dos mais respeitados generais de Filipe II (*OCD*, s.v. *Parmenion*)

[25] Ésquines (2.104-5)

[26] MARKLE, 1974, p. 259

ISSN 2236-4013

> e Plateia seriam colonizadas; que Filipe, caso se tornasse soberano, salvaria os focenses e dispersaria a cidade dos tebanos; que Oropo estaria à vossa disposição; e que Eubeia seria dada em troca de Anfípolis[27].

Demóstenes tentou falar em oposição a Ésquines, mas não foi bem recebido. Assim, Filócrates encaminhou um decreto sobre a paz e a aliança com Filipe e seus descendentes, dispondo sobre a intervenção de Atenas contra aqueles que impedissem a rendição do santuário anfictiônico.

O decreto foi levado a Filipe por uma terceira embaixada, da qual não tomaram parte Demóstenes nem Ésquines. Este último permaneceu em Atenas para evitar que Demóstenes, com sua política pró-tebana, convencesse os atenienses a não enviar ajuda a Filipe contra os focenses.

Celebrada a paz, Filipe convocou os atenienses para ajudá-lo a por um fim na guerra sagrada. De acordo com Markle, Filipe tinha dois planos para ocupar a Grécia Central: o plano A consistia em aliar-se a Atenas, enfraquecer Tebas, a segunda maior cidade grega, e eliminar, assim, a possibilidade de uma aliança entre essas duas cidades, o que poderia impedir seus planos no futuro; já o plano B consistia em satisfazer seus aliados existentes, Tebas e Tessália, dispersando os focenses[28]. Em ambas as estratégias, Filipe sairia vencedor, obtendo o controle das passagens das Termópilas e garantindo o seu acesso à Grécia central[29].

Convencidos por Demóstenes[30], os atenienses não responderam ao pedido de Filipe, fato que pressionou o macedônio. Os tebanos haviam cercado Filipe e conseguido lhe tirar o apoio dos tessálios, que odiavam os focenses. Filipe mais uma vez convocou os atenienses, mas, diante da ausência de resposta, não teve alternativa a não ser executar o seu plano B. Assim, colocou um fim à guerra sagrada, e os focenses foram destruídos. Tebas se fortaleceu com a retomada das cidades da

[27] Trecho extraído da tradução do discurso *Sobre a Paz* apresentada a seguir.
[28] MARKLE, 1974, p. 253
[29] Há quem afirme, entretanto, que não foi a Grécia Central o que atraiu Filipe, mas as riquezas da Pérsia. Assim, um acordo com os gregos, além da ajuda militar que poderiam oferecer, era essencial para que ele pudesse voltar suas forças para o leste (BOARDMAN et al., 2006, p. 751).
[30] Demóstenes argumentou que Filipe poderia tomar seus hoplitas como reféns. Filipe, até então, não havia libertado os atenienses capturados em Olinto, conforme definido no tratado de paz. Com essa estratégia, mesmo ciente dos riscos imediatos, Demóstenes pretendia frustrar o plano A de Filipe, para garantir uma futura aliança antimacedônica com Tebas (MARKLE, 1974, p. 264 e 266).

ISSN 2236-4013

Beócia que estavam sob o controle deles – Orcômeno, Queroneia e Córsias –, e Filipe deteve o controle das Termópilas e os assentos dos focenses no Conselho dos Anfictiões.

A paz logo se mostrou prejudicial a Atenas, pois, conforme aponta Müller, pelos termos do tratado, além da aliança com Filipe, Atenas deveria reconhecer as conquistas deste na costa e desistir de tentar recuperar Anfípolis[31]. Por outro lado, Filipe libertaria os atenienses feitos prisioneiros após a derrota de Olinto e pouparia os assentamentos atenienses no Quersoneso, crucial para a sobrevivência de Atenas em virtude do suprimento de grãos do Mar Negro. Já os aliados atenienses foram excluídos do tratado. Dessa forma, Atenas perdeu seus aliados e a chance de recuperar Anfípolis; e nenhuma das promessas reportadas por Ésquines foi cumprida.

Logo após a celebração do tratado, embaixadores do Conselho Anfictiônico solicitaram a Atenas o reconhecimento da sua nova disposição, incluindo Filipe como membro. É nesse contexto que se situa o discurso *Sobre a Paz*.

Demóstenes, em um discurso curto, porém com elaborado e longo proêmio, aconselha os atenienses a reconhecerem Filipe como membro do Conselho dos Anfictiões[32], por temer que, se não o fizessem, a paz estabelecida fosse rompida e as cidades integrantes da Anfictionia de Delfos declarassem guerra contra Atenas, cada uma motivada por suas próprias inimizades com a cidade. Seria inadequado correr o risco de uma guerra agora que Atenas perdera seus antigos aliados, não tinha mais a influência que detinha ao norte do mar Egeu e estava financeiramente exausta. O orador também acusa Ésquines de ter reportado falsas promessas[33] no retorno da segunda embaixada, assunto que retomará em 343, em sua acusação dirigida contra o político.

[31] MÜLLER, 2010, p. 174.
[32] *Vide* n. 6.
[33] Embora Demóstenes acuse Ésquines de ter reportado falsas acusações, trabalhando em favor de Filipe, foi o próprio Demóstenes quem convenceu os atenienses a não enviar ajuda a Filipe, o que talvez lhe tivesse permitido executar seu plano A e cumprir as promessas relatadas.

ISSN 2236-4013

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

O texto grego de Demóstenes utilizado para a tradução foi o da edição de M. R. Dilts, da Oxford University Press, e, como auxílio, para algumas interpretações, a tradução francesa de Maurice Croiset, da editora Les Belles Lettres, a espanhola de A. López Eire, da Editorial Gredos, e a inglesa de Jeremy Trevett, da University of Texas Press.

A tradução faz parte de um projeto de pesquisa que, entre outros objetivos, tem o de refletir sobre a presentificação do passado, conceito de Gumbrecht (2002, p. 155) que trata da possibilidade de aproximação do passado por meio da imaginação e que estimula a concepção de formas pelas quais possamos nos relacionar com objetos do passado corporalmente. Nesse sentido, o discurso de Demóstenes é um objeto do passado que impõe, aqui, a intervenção da voz para efetivar essa relação e presentificar a cultura grega. A voz é, assim, a parte de nosso corpo convocada a estabelecer essa relação concreta com o passado. Portanto, para a leitura desta tradução não só se recomenda, mas, de certo modo, pressupõe-se a leitura em voz alta do texto, e a imaginação de uma oralidade relativamente formal, considerando-se, novamente pela imaginação, o cenário de uma assembleia ateniense e o destaque da fala de políticos atenienses já experientes. Por outro lado, não se pretendeu oferecer ao leitor brasileiro um texto fluido, para a leitura silenciosa, mas, ao contrário, preservaram-se várias construções sintáticas, possíveis em nosso idioma, mas não naturais e cujo estranhamento para o leitor – esperamos – provoque uma interação com o texto que exija atenção e, sobretudo, engajamento por meio da voz. Vale ainda dizer que o texto oferecido como tradução não corresponde ainda a um resultado acabado das reflexões desenvolvidas no projeto de pesquisa, mas de experimentação consciente e já um pouco amadurecida quanto às questões de recepção aural da prosa grega antiga.

ISSN 2236-4013

TRADUÇÃO

(1) Vejo, senhores atenienses, que os acontecimentos atuais[34] trazem consigo muita dificuldade e perturbação, não apenas pelo fato de muitas vantagens termos cedido e nada de útil haver sobre esses incidentes para falar bem, mas também porque, com relação às questões restantes, todos as consideram em si mesmas e não em vista de um interesse comum[35]. Enquanto a uns parece desse modo, a outros parece de modo diferente. (2) Embora deliberar seja, por natureza, difícil e penoso, vós acabastes tornando isso ainda muito mais penoso, senhores atenienses. Pois, enquanto todos os outros homens estão acostumados a usar da deliberação antes dos acontecimentos, vós estais acostumados a fazê-lo depois destes. Disso resulta que, durante todo o tempo de que tenho conhecimento, aquele que reprova quaisquer atitudes com as quais vós tendes fracassado tem boa reputação e parece falar bem. Já os acontecimentos, sobretudo aqueles sobre os quais deliberais, passam despercebidos a vós. (3) Porém, apesar de as coisas serem assim, eu, contando com a possibilidade de desejardes ouvir e de vos absterdes do barulho e da ambição de vencer os debates, como convém àqueles que deliberam em favor da cidade e de assuntos tão importantes, penso – e convencido disso eu mesmo me levantei agora – que eu serei capaz tanto de falar como de oferecer conselhos, com base nos quais as circunstâncias presentes se tornarão melhores, bem como os termos do tratado serão resguardados.

(4) Embora eu saiba exatamente, senhores atenienses, que o fato de uma pessoa falar diante de vós sobre aquilo que ela própria falou, e sobre si mesma, é uma das situações sempre muito vantajosas aos que se atrevem a discursar, creio que isso é tão cansativo e pesado que, mesmo percebendo que essa necessidade existe, ainda assim hesito em fazê-lo. Mas eu considero que vós poderíeis melhor decidir

[34] Refere-se aos acontecimentos que se seguiram à paz e que geraram grande descontentamento entre os atenienses (*vide* n. 6).
[35] As palavras iniciais de Demóstenes inscrevem o discurso no âmbito formal do discurso deliberativo tal qual descrito por Aristóteles (*Rhet*. 1358b), em que o interesse comum (*tὸ symphéron*) aparece como o objetivo (*télos*) precípuo da oratória deliberativa.

ISSN 2236-4013

sobre as coisas que direi agora, após vos lembrardes um pouco daquelas que já foram ditas por mim antes, em outros momentos. (5) Pois, senhores atenienses, em primeiro lugar, quando alguns vos persuadiam, na ocasião em que a situação política na Eubeia estava agitada, a ajudar Plutarco e a empreender uma guerra inglória e dispendiosa[36], eu fui o primeiro e o único a me apresentar e a me opor a isso. E por pouco não fui afastado por aqueles que vos tinham persuadido a cometer excessivas e numerosas faltas em troca de pequenos ganhos. E, transcorrido pouco tempo, depois de expor-nos à vergonha e sofrer o tipo de coisa que nenhum dos homens vivos jamais sofreu pelas mãos daquelas pessoas às quais ajudara[37], vós todos percebestes tanto a maldade daqueles que vos tinham persuadido disso naquela ocasião, quanto os excelentes conselhos que eu proferi. (6) Pois bem, mais uma vez, senhores atenienses, ao observar que Neoptólemo, o ator, obtinha segurança tendo como pretexto a sua arte, e que ele causava os maiores males à cidade e administrava e governava os vossos bens para Filipe, eu me apresentei e vos disse isso. Mas não o fiz por alguma inimizade ou denúncia caluniosa de cunho pessoal, como ficou claro a partir dos feitos que se seguiram a esses acontecimentos. (7) E, nesse caso, não mais acusarei aqueles que falavam em favor de Neoptólemo (pois nem um só havia), mas a vós próprios: pois, se tivésseis assistido às tragédias nas festas a Dioniso, e se o debate, por outro lado, não versasse sobre meios de salvação e assuntos comuns a todos, não teríeis ouvido nem àquele com tanta benevolência assim, nem a mim com tanto ódio[38]. (8) De fato, penso que agora vós todos percebeis pelo menos isto: que,

[36] Plutarco, governante da Eritreia, em Eubeia, havia pedido ajuda a Atenas em 348 a.C., quando Clitarco, seu rival que retornara do exílio, o desafiou. Apesar dos conselhos de Demóstenes em sentido contrário, Atenas enviou a Eubeia uma grande tropa, comandada por Fócio. Quando chegou lá, Fócio deparou-se com uma complicada situação, enfrentando problemas tanto com o governante de Cálcis – principal cidade da Eubeia – como com o próprio Plutarco, e Atenas acabou sendo derrotada (SEALEY, 1993, pp. 140-1).

[37] Quando Fócio percebeu que Plutarco era indesejável tanto na política como no campo de batalha, acabou expulsando-o da Eritreia. Entretanto, logo após Fócio deixar a Eubeia, Plutarco capturou um comandante ateniense, Molosso, juntamente com seus homens, e exigiu o pagamento de 50 talentos como resgate (SEALEY, 1993, pp. 141).

[38] Neoptólemo era um ator famoso, premiado nas Dionísias e Leneias, provavelmente um homem de posses, uma vez que tinha condições de realizar liturgias (MACDOWELL, 2000, p. 210, n.12). No discurso *Contra Mídias*, Demóstenes elenca-o entre os ricos apoiadores de Mídias (21.215). Neoptólemo circulava pela corte de Filipe e foi um dos que persuadiram o povo ateniense a começar a

ISSN 2236-4013

tendo feito a viagem até os inimigos naquela ocasião, trazido o dinheiro que lhe era devido lá, para, como afirmou, prestar um serviço público aqui, e usado desse forte argumento – de que é terrível a hipótese de alguém acusar aqueles que trazem recursos de lá para cá –, Neoptólemo, assim que, por causa da paz, obteve segurança financeira, adquirida aqui na forma de bens visíveis, converteu-os em dinheiro e foi embora, levando-o para aquele homem. (9) Com certeza, essas duas situações que eu anunciei dão testemunho de que meus discursos foram proferidos correta e justamente, do modo como aconteceu, como foi esclarecido por mim. E a terceira, senhores atenienses (e após dizer apenas mais uma situação eu falarei, realmente, a respeito dos assuntos pelos quais me apresentei), é que no tempo em que nós, os embaixadores, depois de termos recebido os juramentos sobre a paz, chegamos[39], (10) alguns então prometeram que Téspias e Plateia[40] seriam reconstruídas; que Filipe, caso se tornasse soberano, salvaria os focenses e dispersaria[41] a cidade dos tebanos; que Oropo estaria à vossa disposição; e que Eubeia seria dada em troca de Anfípolis[42]. E por esperanças e trapaças desse tipo, pelas quais fostes levados, vós,

enviar embaixadas pela paz. Sem dúvida, era um homem de fácil trânsito junto a Filipe, a julgar por sua participação artística (recitação) no casamento da filha de Filipe (MACDOWELL, 2000, p. 210, n.12).

[39] Refere-se ao retorno da segunda embaixada para as negociações sobre a paz (MARKLE, 1974, p. 262).

[40] No século VI, Plateia foi uma das primeiras cidades a procurar a aliança com Atenas para fazer frente aos conflitos internos que começavam a emergir, apesar de fortes laços de identidade regional na Beócia (OSBORNE, 1996, p. 286). Por essa razão, havia um vínculo tradicional entre as duas cidades, que a fala de Demóstenes pressupõe nesta passagem. Os conflitos entre Tebas e Plateia datam do século VI e protagonizam boa parte do cenário do século IV sob as intervenções macedônicas na Grécia.

[41] *Dioikismós*: prática usada principalmente pelos espartanos para controlar e subjugar os inimigos derrotados, que consistia em destruir a cidade dos inimigos e dispersá-los em pequenas vilas desprotegidas (TREVETT, 2011, p.94, n.15 e p.285, n.32).

[42] Demóstenes, em seu discurso contra Ésquines (*Sobre a falsa embaixada*), havia-o acusado de ter reportado aos atenienses, quando retornaram da segunda embaixada, as seguintes promessas de Filipe: o macedônio sitiaria Tebas; repovoaria Téspias e Plateas; exigiria reparação – dos tebanos e não dos focenses –, pelo sacrilégio ocorrido em Delfos; daria Eubeia a Atenas em troca de Anfípolis; e lhes devolveria Oropo (MARKLE, 1974, p. 253). Ésquines, em sua defesa, negou ter reportado essas promessas. Entretanto, Markle acredita que sua defesa é inaceitável, pois elas também foram relatadas no discurso *Sobre a Paz*, pronunciado apenas dois meses após o relatório da segunda embaixada. Dessa forma, seria improvável que Demóstenes deturpasse, em tão pouco tempo, o que a audiência ouvira dois meses antes (MARKLE, 1974, p. 253-4).

ISSN 2236-4013

de forma nem proveitosa nem provavelmente nobre, abandonastes os focenses[43]. Que, quanto a isso, em nada vos enganei nem me calei, eu deixarei claro agora. Pelo contrário, tendo-vos dito antes – como sei que vos lembrais – que dessas promessas não tomei conhecimento nem tive esperanças, penso ser tolo quem as disse.

(11) Então, em relação a todas essas situações, todas quantas eu pareço prever melhor que os outros, não mencionarei nem uma só habilidade ou fanfarronice, senhores atenienses; nem alegarei conhecê-las e percebê-las por nenhum outro modo senão por dois, que vos contarei. Um, senhores atenienses, é a boa sorte, a qual eu vejo reinar sobre toda habilidade e sabedoria que existe nos homens; (12) e o outro é que eu julgo e pondero as questões gratuitamente, e ninguém teria como demonstrar nenhum benefício meu ligado aos assuntos dos quais eu trato como cidadão e sobre os quais eu falo como orador[44]. Portanto, correto me parece o interesse – seja ele qual for – que, em alguma circunstância, surja dos próprios fatos. Por outro lado, sempre que alguém, assim como em uma balança, leva dinheiro de um prato para outro, este se move rapidamente e faz recair sobre si mesmo a avaliação, e o homem que fez isso já não pode ponderar nada de modo correto e sensato.

[43] Os focenses eram aliados de Atenas. Eles detinham a posse das cidades beócias de Orcômeno, Queroneia e Córsias, e dos fortes de Alpono, Trônio e Niceia, que controlavam o acesso às Termópilas, importante ponto de acesso à Grécia Central. Quando o tirano focense Faleco foi deposto, em 347 a.C., três comandantes assumiram seu lugar: Dinócrates, Cálias e Sófanes, os quais, temendo a intervenção de Filipe na Guerra Sagrada em favor de seus aliados, os tessálios e os tebanos, prometeram aos atenienses e espartanos dar-lhes a posse dos fortes que controlavam o acesso às Termópilas. Entretanto, nesse meio tempo, Faleco recuperou o poder e repudiou o acordo feito pelos comandantes. Assim, os atenienses, ressentidos com o tirano, buscavam vingança contra Faleco e seus apoiadores, enquanto, por outro lado, desejavam proteger o restante dos focenses, que eram seus aliados. Por essa razão, os atenienses tentaram incluir seus aliados no tratado de paz com Filipe, o que acabou não acontecendo: a paz foi celebrada com Atenas apenas, que, além de abrir mão de Anfípolis, permitir a presença de Filipe na Grécia Central, aliando-se com ele, não recuperou as cidades prometidas e viu seus aliados serem destruídos (MARKLE, 1974 p. 256).

[44] Essa presunção de inocência quanto a suborno é questionável. Demóstenes foi acusado de receber suborno de Hárpalo – amigo de infância de Alexandre, governador da Babilônia, e encarregado da guarda do tesouro real –, quando este buscou asilo em Atenas, para ficar ao seu lado. Plutarco diz que Demóstenes não era completamente imune à corrupção como afirmava, e que, embora não tivesse sido seduzido pelo ouro de Filipe, fora seduzido por aquele que vinha da Ásia: após a queda do império Persa, Alexandre encontrou cartas de Demóstenes e registros dos generais do rei indicando que o orador havia recebido suborno para fomentar a oposição a Filipe na Grécia, mantendo-o, assim, ocupado (PLUTARCO, 2011, p. 52, 60 e CÂNFORA, 2015, pp. 471-472).

ISSN 2236-4013

(13) Então, primeiro, eu de minha parte afirmo que uma só coisa deve ocorrer se alguém desejar providenciar aliados ou uma contribuição ou qualquer outra coisa para a cidade: que faça isso sem violar a paz que está em vigor, não por ela ser admirável, nem por ter grande valor para vós, mas porque, do modo como ela está hoje, não ter sido feita teria mais proveito para nossos assuntos do que ser violada agora por nossa causa, depois de estabelecida. Pois cedemos muitas das vantagens que existiam naquele tempo em que a guerra seria mais fácil e segura para nós do que agora. (14) E segundo, é preciso cuidar para não incitar, senhores atenienses, estes homens que estão reunidos e que afirmam agora ser Anfictiões a ver necessidade e pretexto de uma guerra em comum contra nós[45]. Pois eu penso que, se mais uma vez tivéssemos uma guerra contra Filipe por causa de Anfípolis ou de alguma outra queixa particular dessa natureza, na qual não tomassem parte tessálios, nem argivos, nem tebanos, nenhum deles guerrearia contra nós. (15) E, de todos (e que ninguém me perturbe antes de ouvir), menos ainda os tebanos, não porque estão contentes conosco, nem porque não fariam um favor a Filipe, mas porque sabem exatamente – ainda que se afirme que eles são muito estúpidos[46] – que, se tiverem uma guerra contra vós, eles receberão todos os males, enquanto Filipe permanecerá sentado à espera das vantagens. Portanto, eles não lançariam a si próprios nessa situação, a não ser que fossem comuns a origem e a causa da guerra[47]. (16) Nem mesmo se, mais uma vez, guerreássemos contra os tebanos por causa de Oropo[48] ou por alguma outra questão particular, nós nada sofreríamos, eu creio. Além disso, eu penso que aqueles que auxiliam auxiliariam tanto a nós quanto àqueles caso alguém avançasse contra nossas casas, cuidando para não se aliar, em uma expedição militar,

[45] O Conselho dos Anfictiões exercia sua influência impondo multas por ofensas religiosas, declarando guerras sagradas, e participando de projetos de prestígio, como as competições atléticas, por exemplo (*OCD*, s.v. *Delphi*). Demóstenes temia que as cidades que participavam do Conselho se unissem contra Atenas, movida cada uma por suas próprias razões.

[46] Os atenienses costumavam caracterizar os tebanos como estúpidos, e se referiam a eles como porcos beócios (TREVETT, 2011, p.95, n.23). Demóstenes pressupõe que eles estão agindo com inteligência por reconhecerem os prejuízos de uma guerra agora.

[47] Demóstenes já antecipa a possibilidade de uma aliança entre Tebas e Atenas para uma guerra comum contra a influência de Filipe na Grécia.

[48] Oropo, na Beócia, estava em poder de Tebas desde 366 a.C. (HORNBLOWER, 2011, p. 259).

ISSN 2236-4013

com nenhum dos dois lados. Além disso, as alianças[49], com as quais alguém também poderia se preocupar, têm esse caráter[50], e a situação é, por natureza, deste tipo: (17) até que haja igualdade de condições, nenhum aliado terá boa vontade nem conosco nem com os tebanos, tanto para ser salvo quanto para dominar os demais, mas todos gostariam de ser salvos em benefício próprio; e nem um só deles gostaria que os atenienses ou os tebanos fossem senhores que os dominassem[51]. Então, de que é que eu creio que nós devemos ter medo e nos precaver? De que a guerra que está prestes a acontecer admita um pretexto comum e uma queixa comum para todos. (18) Pois, se os argivos, e os messênios, e os megalopolitanos, e alguns dos peloponésios restantes, tantos quantos têm os mesmos sentimentos que esses, ficarão nossos inimigos por causa da missão do arauto[52] enviado aos lacedemônios por nós e pelo fato de lhes parecer que estamos acolhendo alguma das coisas feitas por estes[53]; e se os tebanos, como dizem, são hostis, e ficarão ainda mais nossos inimigos porque estamos salvando aqueles que estão escapando deles e porque, de toda forma, estamos demonstrando descontentamento com eles[54]; (19) e se os tessálios, porque estamos salvando os focenses exilados[55]; e se Filipe, porque o estamos impedindo de

[49] Na edição utilizada para esta tradução, consta a palavra *symmaíchai* ao invés de *symmachíai*. Acreditamos ter ocorrido um erro ortográfico na edição, pois não foram encontrados registros da palavra em outros textos ou nos dicionários.

[50] As alianças gregas geralmente tinham caráter defensivo: um aliado ajudaria o outro caso este sofresse um ataque (TREVETT2011, p. 96, n.26).

[51] A história da liderança de Atenas sobre outras cidades gregas é topos da oratória ateniense desde o século V. Mas no século IV a.C. talvez se tivesse ainda mais razão em temê-la, pois, apesar da derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso, os atenienses, já nas primeiras décadas do século IV, conseguem novamente manter seu domínio político com a Segunda Confederação Ateniense (378 a.C.), que, como a Liga de Delos no século anterior, mantinha o pagamento de tributos por parte dos aliados (HORNBLOWER, 2002, p. 236).

[52] O arauto mantém, no período clássico, sua inviolabilidade associada a Hermes, como aparece na narrativa de Homero, porém não tem poder de negociação. Sua importância simbólica se mantém na assistência que dá a vários procedimentos da vida política (na assembleia ou no tribunal) e na essencial missão de transmitir mensagens oficiais entre cidades. (*OCD*, s.v. *heralds*)

[53] Argos, Messênia e Megalópolis eram cidades da região do Peloponeso. Antes da Paz de Filócrates, durante a Terceira Guerra Sagrada, quando os focenses derrotaram Filipe na Tessália e a situação de Tebas estava ruim, Esparta tentou, sem sucesso, restabelecer sua hegemonia no Peloponeso (HORNBLOWER, 2011, p. 279).

[54] Tebas destruiu Téspias e Plateas em 373-2 a.C. Atenas abrigou os refugiados e, aos plateenses, seus antigos aliados, conferiu inclusive cidadania (BOARDMANet al., 2006, pp. 177-8)

[55] Os tessálios, tradicionalmente, eram inimigos dos focenses. Após o fim da Terceira Guerra Sagrada, alguns focenses refugiaram-se em Atenas (BOARDMANet al., 2006, p. 758).

ISSN 2236-4013

participar do Conselho dos Anfictiões[56], então eu temo que todos, irritando-se cada um por suas questões particulares, conduzam uma guerra em comum contra nós, após expor em público as resoluções dos Anfictiões[57]. E temo que, em seguida, cada um deles seja levado a guerrear contra nós para além daquilo que é do próprio interesse deles, como também ocorreu em relação aos focenses[58]. (20) Pois, sem dúvida, sabeis isto: que mesmo agora os tebanos, Filipe e os tessálios, apesar de nenhum deles ter dado importância completamente às mesmas questões, todos eles realizaram as mesmas ações. Por exemplo, os tebanos não foram capazes de impedir Filipe de chegar aqui e de se apoderar das passagens[59], nem de obter a reputação pelos atos realizados com seus próprios esforços, embora ele tenha chegado nas Termópilas por último[60]. (21) Pois agora, pelos tebanos, para resgatar seu território, foi feito algo; mas, para resgatar sua honra e sua reputação, algo muito vergonhoso. Pois, se Filipe não tivesse chegado aqui, eles não teriam nenhum ganho. E isso eles

[56] Diante dos acontecimentos que se seguiram à paz – dispersão dos focenses e ocupação do lugar que lhes pertencia no Conselho dos Anfictiões – os atenienses mostraram seu descontentamento recusando-se a reconhecer Filipe como membro do conselho e a participar dos Jogos Píticos daquele ano (346 a.C.), presidido pelo macedônio (MÜLLER, 2010, p. 175).

[57] Seria uma guerra sagrada.

[58] Segundo Hornblower, Tebas, dominando grande parte dos votos no Conselho dos Anfictiões, conseguiu convencê-lo a impor uma multa aos focenses por cultivo em terra sagrada, na esperança de que lhes fosse dada a liderança da guerra que se seguiria, uma vez que os focenses não poderiam pagá-la. Ele afirma também que a decisão dos tebanos de atacar os focenses foi um mero desejo de afirmação diante desses vizinhos, pois eles haviam se recusado a ajudar Tebas na campanha de Mantineia (HORNBLOWER, 2011, p.275-6). Os tessálios, devido à oposição aos tiranos de Fera que eram aliados dos focenses, voltaram-se contra eles apoiando Tebas, enquanto Filipe participou da guerra, levando-a ao fim, para que pudesse ter controle sobre a passagem das Termópilas e acesso à Grécia Central. Nas seções seguintes Demóstenes argumenta que cada um deles acabou fazendo o que não queria por conta de seus próprios interesses: os tebanos tiveram que suportar a presença de Filipe na Grécia Central para recuperar Orcômeno e Coroneia (5.21); Filipe não queria entregar essas cidades Beócias aos tebanos, pois desejava diminuir o poder de Tebas, mas o fez para que pudesse ter o controle da Passagem das Termópilas e manter a fama por ter dado um fim à guerra sagrada e presidido os jogos Píticos (5.22). Já os tessálios desejavam apenas recuperar o controle do Conselho dos Anfictiões (5.23).

[59] Passagem estratégica entre o Monte Calídromo e o Canal de Euripo, a principal rota terrestre da antiguidade entre o norte e a Grécia Central e Sul. Nas Termópilas, localizava-se o santuário de Deméter, em Piles, onde o Conselho dos Anfictiões reunia-se no outono (*OCD*, s.v. *Thermopylae*; MALHADAS; DEZOTTI et al., Vol. 4, 2009, *Púlaios*). A passagem das Termópilas estava sob controle dos focenses (*vide* n. 43) e foi controlada por Filipe após a celebração da paz com Atenas.

[60] Os tebanos lutaram contra os focenses por quase 10 anos, desde a declaração da guerra sagrada em 355 a.C. Entretanto, Filipe foi quem saiu vencedor e, por essa razão, tomou o prêmio pelo qual os tebanos provocaram a guerra: o incontestável primeiro lugar entre as cidades gregas (HORNBLOWER, 2011, p.275-6).

ISSN 2236-4013

não queriam, mas, pelo fato de desejarem tomar Orcômeno e Coroneia e não serem capazes, suportaram todas essas coisas[61]. (22) Pois bem, em relação a Filipe, algumas pessoas se atrevem a dizer que ele não queria entregar Orcômeno e Coroneia aos tebanos, mas que foi obrigado a isso; a estes, eu, de minha parte, digo que reúnam suas forças. Mas o que sei é isto: que ele não se preocupava com essa questão mais do que queria se apoderar das passagens e da fama por parecer, graças a si próprio, ter obtido a solução da guerra e por presidir sozinho a celebração dos jogos píticos[62]. E isso era o que ele desejava acima de tudo. (23) Já os tessálios não queriam nenhuma destas duas coisas – que nem os tebanos e nem Filipe se tornassem superiores (pois consideravam todos esses assuntos com relação a si próprios) –, e desejavam ter pleno poder sobre o conselho de Piles e os de Delfos[63] – duas vantagens. E, por ter muito esse desejo, participaram da realização desses feitos. Assim, descobrireis que cada um, tendo sido induzido por motivos particulares, realizou muitas ações, nenhuma das quais queria realizar. E disso, disso é que devemos nos precaver.

(24) Acaso essas coisas ordenadas nós devemos fazer por ter medo? Também tu as ordenas? Eu, ao menos, estou longe disso. Mas que não façamos nada indigno de nós mesmos, e que não haja guerra, e que pareçamos a todos ter bom senso e dizer o que é justo – isso, penso, é o que devemos fazer. Para aqueles que pensam que devem suportar com coragem o que quer que seja e não preveem a guerra, quero fazer essas ponderações. Nós estamos permitindo que os tebanos mantenham

[61] Durante a terceira Guerra Sagrada, os focenses tomaram várias cidades da Beócia, incluindo Orcômeno, em 353 a.C. e Queroneia, em 352 a.C (BOARDMAN et al., 2006, pp. 741 e 744).
[62] Um dos quatro festivais panelênicos, também conhecidos como "jogos da coroa" (*stephanítai)*, em alusão às coroas de folhas dadas aos vencedores. Os jogos Píticos eram realizados quadrienalmente em honra de Apolo e organizados pelo Conselho dos Anfictiões de Delfos. Aproximavam-se aos Jogos Olímpicos (realizado em honra a Zeus) em importância (PHILIPS & PRITCHARD, 2012, p.XI; *OCD*, s.v. *Pythian Games*).
[63] O Conselho dos Anfictiões de Delfos possuía dois santuários: o de Deméter, em Piles (nas Termópilas), e o de Delfos (*OCD*, s.v. *Thermopylae*), onde eram realizadas as reuniões, respectivamente, no outono (*vide* n. 59) e na primavera (EIRE, 1993, p. 131, n.11). Os tessálios tinham interesse em recuperar seu poder no Conselho (*vide* nota 13).

ISSN 2236-4013

Oropo[64]. E se alguém, ordenando-nos dizer a verdade, perguntasse-nos "por quê?", nós diríamos "a fim de não entrarmos em guerra". (25) E agora mesmo, em favor de Filipe, de acordo com o tratado, acabamos de renunciar a Anfípolis[65]; estamos permitindo que Cárdia seja colocada à parte do resto do Quersoneso[66]; que a Cária se apodere das ilhas de Quios, Cos e Rodes[67]; e que os habitantes de Bizâncio conduzam os navios mercantes para seu porto[68]. É evidente que consideramos que a tranquilidade que resulta da paz é responsável por bens maiores do que o desentendimento e o desejo de só vencer disputas sobre essas questões. Sendo assim, tendo-nos comportado dessa forma com cada um deles, um após o outro, em relação aos assuntos domésticos e mais imprescindíveis, é ingênuo e completamente maléfico entrar em guerra agora contra todos eles em torno da sombra que paira sobre Delfos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOARDMAN, John, HORNBLOWER, Simon, LEWIS, D. M. & OSTWALD, M. The Cambridge Ancient History. Vol. VI: The Fourth Century BC. Cambridge University Press, 1994.

CÂNFORA, Luciano. O mundo de Atenas. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

[64] Oropo havia sido tomada pelos tebanos em 366 a.C., quando a Eubeia saiu da Confederação Ateniense: o tirano da Eritreia, Témison, foi quem originalmente cercou Oropo, e Tebas correu em seu apoio. Atenas, com a política antitebana de Calístrato, acabou perdendo Oropo, Eubeia e não conseguiu recuperar Anfípolis (HORNBLOWER, 2011, pp. 259-260). Com a paz de Filócrates, Tebas acabou mantendo o controle sobre as cidades da Beócia.

[65] Ao celebrar a paz com Filipe, os atenienses desistiram de tentar recuperar Anfípolis (*vide* n. 7).

[66] O Quersoneso, com exceção da Cárdia, havia sido cedido a Atenas em um tratado de 357 a.C (BOARDMAN et al., 2006, p. 464). A Cárdia, que já havia sido colônia ateniense, havia se aliado a Felipe em 362 a.C. Com a celebração da paz, os atenienses tiveram que reconhecê-la como aliada do macedônio (EIRE, 1993, p. 132, n.12)

[67] *Vide* n. 10. Poucos anos após o fim da guerra social, Mausolo, sátrapa da Cária, estendeu seu poder às ilhas de Rodes e Cos (SEALEY, 1993, p. 107).

[68]Trevett afirma que os bizantinos, provavelmente motivados pela escassez de comida, estavam forçando os navios em rota para Atenas a pararem em seus portos e venderem-lhes os grãos que traziam, atitude similar às adotadas em 362 e em 361 a.C., conforme destaca Sealey, as quais forçaram os atenienses a enviarem navios de guerra ao estreito por vários anos (TREVETT, 2011, p. 99, n.41 e SEALEY, 1993, p. 108).

ISSN 2236-4013

DEMÓSTENES. As Três Filípicas; Oração sobre as questões da Quersoneso. Introdução, tradução, seleção e notas por Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins fontes, 2001.

DEMÓSTENES. Discursos Políticos I. Introducciones, tradución y notes de A. López Eire. Madri: Editorial Gredos, 1993.

DÉMOSTHÈNE. Harangues. Tome II. Texte établi et traduit par Maurice Croiset. Paris: Les Belles Lettres, 2002.DEMOSTHENES. Speeches 1-17. The Oratory of Classical Greece, vol. 14. Translation by Jeremy Trevett. Austin: University of Texas Press, 2011.

DEMOSTHENES. Demosthenis Orationes. Tomus I. Edited by M.R. Dilts. Oxford: Oxford Classical Texts, 2002..

EIRE, A. López. 'Introducción', en DEMÓSTENES. Discursos Políticos I. Introducciones, tradución y notes de A. López Eire. Madri: Editorial Gredos, 1993, pp. 7-37, e 121-123.

FONSECA, Isis Borges B. 'Introdução', em DEMÓSTENES. As Três Filípicas; Oração sobre as questões da Quersoneso. Introdução, tradução, seleção e notas por Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins fontes, 2001, pp. IX-LXVII.

GIBSON, Craig A. Interpreting a Classic: Demosthenes and his ancient commentator. Berkley: University of California Press, 2002.

_____. 'Indroduction', in LIBANIUS. Hypotheses to the Orations of Demosthenes. Tradução de Craig Gibson. In MAHONEYHAND, A. & SCAIFE, R. (edd.). The Stoa: a consortium for scholarly publication in the humanities, Edição de 30/04/2003. <http://www.stoa.org/projects/demos/article_libanius>. Acesso em 03/10/16, pp. 1-4. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

LIBANIUS. Hypotheses to the Orations of Demosthenes. Tradução de Craig Gibson. In MAHONEYHAND, A., SCAIFE, R. (edd.). The Stoa: a consortium for scholarly publication in the humanities, Edição de 30/04/2003. <http://www.stoa.org/projects/demos/article_libanius>. Acesso em 03/10/16.

ISSN 2236-4013

HORNBLOWER, Simon. The Greek World, 479-323 BC. 4th Ed. New York, Routledge, 2011.

HORNBLOWER, Simon, SPAWFORTH, Anthony (edd.) The Oxford Classical Dictionary. Revised Third Edition. New York: Oxford University Press, 2003.

LIDDELL, SCOTT, R., JONES, H., MCKENZIE, R. A Greek-English Lexicon. Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1996.

MALHADAS, Daisi, DEZOTTI, Maria Celeste C. et alli (orgs.). Dicionário Grego-Português – Vol. 1, 2, 3 e 4. Cotia (vol. 1, 2006; vol. 2, 2007; vol. 3, 2008; vol. 4, 2009; vol. 5, 2010).

MARKLE, M. M. The strategy of Philip in 346 B.C. The Classical Quarterly, Vol 24, N. 2, Dec., 1974, pp. 253-268.

MACDOWELL, Douglas M. Demosthenes The Orator. New York: Oxford University Press, 2009.

MACDOWELL, Douglas M. Introduction and Commentary. In: DEMOSTHENES. On de False Embassy (Oration 19). Edited with introduction, translation, and commentary by Douglas M. Macdowell. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MÜLLER, Sabine. Philip II. In: ROISMAN, Joseph; WORTHINGTON, Ian (edd.) A Companion to Ancient Macedonia. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010, pp. 166-185.

OSBORNE, Robin. Greece in the making. 1200-479 BC. London and New York: Routledge, 1996.

PLUTARCO. Vidas Paralelas – Demóstenes e Cícero. Tradução do grego, introdução e notas: Marta Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PHILIPS, David J., PRITCHARD, David. Sport and festival in the ancient Greek world. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012.

SEALEY, Raphael. Demosthenes and his time: a study in defeat. New Youk: Oxford University Press, 1993.

TREVETT, Jeremy. 'Notes on the Speeches On the Peace and For the Megalopolitans', in DEMOSTHENES. Speeches 1-17. The Oratory of Classical

ISSN 2236-4013

Greece, vol. 14. Translation by Jeremy Trevett. Austin: University of Texas Press, 2011, pp. 88-99, 274-285.

ISSN 2236-4013